TC 3795-27

GRUPO PARLAMENTAR
DO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Intervenção do
Deputado OCTÁVIO TEIXEIRA
Conferência Interparlamentar de
Lisboa sobre Timor-Leste
Dia 31 de Maio de 1995

Senhor Presidente da Assembleia da República
Senhores Membros do Governo
Senhoras e Senhores Convidados
Senhoras e Senhores Deputados

A Conferência que reúne, na Assembleia da República Portuguesa, parlamentares e outras personalidades dos cinco Continentes apresenta-se como uma iniciativa internacional de solidariedade com o amor pela liberdade de um pequeno e martirizado povo cuja existência era quase desconhecida no Mundo há apenas duas décadas: o povo maubere de Timor-Leste.

Senadores, Deputados, Historiadores, Sociólogos, Juristas, Representantes de organizações ligadas à defesa dos direitos humanos, vão debater em Lisboa os problemas resultantes de uma situação que comprova simultaneamente a recusa timorense de aceitar como facto consumado a ocupação e anexação da sua terra e a

extrema dificuldade das Nações Unidas em obter o cumprimento pela República da Indonésia das Resoluções relativas ao inalienável direito à autodeterminação e à independência do povo maubere.

Temos consciência dos enormes obstáculos que separam os timorenses do objectivo pelo qual lutam - o direito de serem verdadeiramente livres, o direito de determinarem o seu próprio futuro.
A solidariedade, contudo, tem avançado. Rompeu já muros de indiferença, informou, sensibilizou, fez recuar cumplicidades.
A causa timorense ganhou dimensão planetária após o massacre de Novembro de 1991, quando as imagens da matança deram a volta ao mundo.

Esta Conferência Interparlamentar - e os comunistas portugueses sentem orgulho por terem proposto a sua realização quando aqui prestávamos homenagem ás vítimas de Santa Cruz - esta Conferência constitui a melhor prova de que a opinião pública mundial e responsáveis políticos de diversos quadrantes acompanham com atenção crescente o combate da Nação maubere, numa convergência de movimentos de solidariedade cujos apelos, denúncias e vigilância colocaram a Indonésia numa posição de incomodidade, forçando-a a abandonar a política de recusa de conversações sobre Timor-Leste

com a potência administrante, Portugal, sob a égide do Secretário-Geral da ONU.

Não alimentamos ilusões quanto a compromissos da República Indonésia - aliás não cumpridos - relativos à situação de desrespeito pelos direitos humanos. Mas é transparente que, apesar da desproporção das forças em presença, o gigante indonésio não conseguiu dobrar a vontade timorense. A estratégia integracionista orientada para a destruição da identidade do povo maubere, fracassou. O sentimento nacional é hoje mais forte do que nunca em Timor Leste. Resistiu ao genocídio, às leis do ocupante, á propaganda, ás agressões à cultura local, ao terror endémico mantido pelo exército de ocupação. Essa é talvez a mais significante das lições da trágica epopeia timorense.

Os timorenses demonstram no dia a dia, com imaginação e coragem, que a sua capacidade de resistir na defesa daquilo que são e querem continuar a ser, se adapta a cada nova situação criada pelo invasor.

Não há data previsível para o fim do dificílimo combate travado pela grande maioria do Povo maubere. Mas o que esse pequeno grande povo fez até agora, ao resistir em condições que na aparência tornavam utópico o seu desafio à anexação indonésia, touxe-lhe a

solidariedade de milhões de homens em dezenas de países. Esta Conferência, repito, traduz uma evidência reconfortante: a luta pelo direito à autodeterminação e independência do povo de Timor-Leste, adquiriu a dimensão de causa da Humanidade.